

O medo em todo lugar

Se, na rede pública, mais de 800 pessoas já foram internadas com suspeita de terem sido contaminadas pelo hantavírus, os hospitais particulares também acusam aumento na procura por atendimento. No Hospital Dayer, no Lago Sul, os médicos calculam que de 20 a 30% dos atendimentos na emergência são de pacientes com sintomas característicos da hantavirose. "A maioria procura o hospital com quadro gripal. A dificuldade de respirar leva as pessoas a terem dúvidas se é mesmo um problema respiratório ou hantavirose. O medo faz isso", revela o chefe da clínica médica do pronto-socorro, Gustavo Silveira.

Em outra unidade do Lago Sul, o Hospital Brasília, não houve aumento na demanda. Mas pacientes com problemas respiratórios sempre se referem ao hantavírus. "Por precaução, procuramos perguntar se tiveram contato com o meio rural", informa o infectologista do hospital, Alexandre Cunha.

No Hospital Santa Lúcia, na Asa Sul, foi implantado um protocolo de atendimento a casos suspeitos desde a morte da empresária Hellen Salerno, 39 anos, moradora do Guará II e dona de uma pousada em Pirenópolis, outra vítima do hantavírus.

Hoje, cada médico e enfermeiro do hospital tem um documento informando a rotina de exames para detectar os casos suspeitos. O Santa Lúcia incluiu testes de oximetria de pulso ou gasometria, ambos para medir o nível de oxigenação do sangue, que não deve ser menor do que 90%. A recomendação do hospital é manter os pacientes em observação caso os exames apresentem alterações. "É melhor pecar por excesso", observa a infectologista da unidade, Eliana Bicudo.

Treinamento

No Hospital Santa Luzia, médicos e enfermeiros não observaram aumento no número de atendimentos. No entanto, os profissionais serão submetidos a um treinamento específico para o diagnóstico da doença. "Informaremos os cuidados com o paciente suspeito e como reconhecer os sintomas", detalha a enfermeira Isabela Pereira Rodrigues.

A exemplo dos hospitais públicos, os médicos da rede particular só pedem o teste sorológico para hantavírus quando os pacientes entram no protocolo. No entanto, poucos laboratórios do DF coletam sangue para essa análise. As amostras recolhidas na rede pública são enviadas para o Instituto Adolfo Lutz em São Paulo. Os laboratórios têm outros centros de referência para a análise. O Fleury, por exemplo, envia as amostras para a Clínica Mayo, nos Estados Unidos. O exame custa R\$ 573,54, fica pronto em 15 dias corridos, e o paciente precisa checar se o plano de saúde paga a análise. (M.F.)